

Luto/Berti

Enterrado o homem, fica o artista. A genial criança não morreu

“Não morrerá cadência tamanha / e a herança será apenas daqueles que sofreram dor / que abriram portas / Que simplesmente choraram”.

São os últimos versos da poesia que a artista plástica e poetisa Neusa de Freitas fez ante-onem à noite, ao saber da morte de seu mestre, amigo e orientador, o artista plástico Lionello Berti.

Internado desde 27 de janeiro com cirrose hepática no HC, Berti foi enterrado ontem no cemitério da Saudade. Além de muitos amigos fiéis, Lionello Berti, 48 anos, deixa um acervo de quase 150 quadros. E sua imagem sempre viva, de monge solitário e criança genial — um homem frágil e um grande artista.

Rosana ZAIDAN

A Sala dos Professores da Unaerp, geralmente vazia no período da manhã, reuniu ontem boa parte do corpo docente da Escola para velar o corpo de Lionello Berti — professor do curso de Artes Plásticas desde 1966.

D. Cidinha Bonini e sua filha Elmar (ambas Diretoras da Faculdade) fizeram questão cerrada de patrocinar e organizar o velório e o enterro do artista:

— “Nós éramos como uma família para ele. O Berti era muito carinhoso, muito terno. Ele precisava muito do nosso aconchego. E' muito importante dizer que ele gostava demais da Unaerp. E a Unaerp dele. Por isso todos fizemos questão que ele fosse enterrado no jazigo da família”.

Na quadra 32 do Cemitério da Saudade, o corpo de Berti foi enterrado junto aos de Electro Humberto Filho, Electro Humberto Neto e Jorge da Veiga.

NO VELÓRIO, MUITAS FLORES

Formando o clima do velório, botões e rosas vermelhas, velas acesas, e uma expressão serena no rosto de Berti. Mais serena que de todos os abatidos semblantes dos amigos que chegavam — muitos, sem terem conseguido dormir à noite.

O corpo foi velado por funcionários da Unaerp e alguns professores, durante a noite toda. Às nove da manhã, entre outros, Bassano Vacarini, Fúlvio Gonçalves, Odila Mestriner, Maria Elisea, dr. Dante Jemma, estavam no local. Insistindo no espectro de que queriam lembrar-se de Berti vivo.

A professora Orávia Alves Ferreira, por exemplo, não quis ver de perto o corpo de Berti — angustiada e cansada, suspendera suas aulas, “por falta de condições físicas e psicológicas”. Vacarini dizia que a Unaerp suspenderia pelo menos as aulas do Curso de Educação Artística.

Os poucos ex-alunos presentes também estavam abatidos. Alguns choravam, outros se limitaram a olhar, desolados, o mestre morto.

M. Sueli Falleiros Braga, aluna de Berti no Curso de Artes Plásticas durante três anos lembra:

— “Em classe, o Berti não falava muito. Ele incentivava muito a gente. Dizia sempre para tocar em frente, nunca importava se o trabalho estava bom ou ruim. O importante era continuar trabalhando. O Berti também era muito sincero — não tinha meias-palavras nunca: ou ele gostava ou ele não gostava das pessoas e das coisas. Engraçado que ele parecia uma criança, sabe?”.

NA UNAERP, UMA BANDEIRA A MEIO PAU. E UMA AUSÊNCIA MUITO NOTADA (PEDRO GISMONDI)

Até as 10h30, hora em que o carro Chevrolet cinza-prata, chapa MS 0115 da Funerária Nicácio conduziu os restos mortais de Lionello Berti até o cemitério da Saudade, muita gente chegou à Sala dos Professores da Unaerp. Como Antonio Duarte Nogueira, Regina Helena Pessoa, Otorino Rizzi, Antonio Pallocci (representando o Prefeito Gasparini, que estava em São Paulo) — nos corredores, até então semi-vazios, grupinhos conversavam.

Uma pergunta geral: “E Pedro Gismondi, o grande amigo de Berti, que o trouxe para Ribeirão, onde está?”

Gismondi não apareceu, em sinal de protesto à idéia do velório na Unaerp. Só iria ao enterro e mesmo assim, a contragosto — já que em sua opinião Lionello Berti mereceria honras póstumas “municipais”. Por ele, Berti seria velado no Salão Nobre da Prefeitura e enterrado às expensas do Município. Inclusive por um problema “moral”: “se a

Unaerp não pagou a ele como devia em vida, que condições tem de fazê-lo agora?”

REVERENCIA A PASSAGEM DE BERTI

Fechado o caixão e coberto com a bandeira da Unaerp (o lema: “Fé, Ciência e Trabalho”), fez-se um silêncio de morte. Ninguém mais conversando ou falando, todos com os olhos fixos na cena: Berti, o professor querido, saía inerte da Escola a que havia dedicado boa parte do seu tempo e do seu esforço. De sua arte.

Dois funcionários hastearam a meio-pau a bandeira da Faculdade enquanto o cortejo de carros se punha em fila, a caminho do Cemitério, solenemente. Muitos choravam.

NA QUADRA 32, SEM DISCURSOS

Às 11h30, estava consumado. Depois de terem aberto o visor do caixão para que os amigos vissem o rosto de Berti pela última vez (foi quando Gismondi se aproximou, contemplou o amigo e se afastou, ostensivamente), os restos do artista foram guardados no jazigo da família Bonini. D. Cidinha, e funcionárias da Unaerp, encarregaram-se de ajeitar as flores sobre o túmulo (em mármore preto, com inscrições em letras douradas).

BERTI, SEGUNDO SEUS AMIGOS, UMA CRIANÇA E UM GÊNIO (LOUCO POR FEIJÕES BRANCOS)

Um quadro geral, traçado de maneira quase unânime, é de que Lionello Berti, homem, era introvertido, reservado e muito sensível, o artista isolava-se do mundo, trabalhando horas seguidas, em seu ateliê da Rua João Penteado, em meio a tintas, quadros, e uma vasta e sempre muito consultada biblioteca. Berti veio para Ribeirão Preto em 65, trazido por Pedro Gismondi — tinha trinta e oito anos, dez dos quais vividos no Rio de Janeiro.

Lançado por lá numa bombástica exposição na Petite Galerie, oscilando entre o desejo de ficar no Rio ou ir para Belo Horizonte onde já tinha vários quadros seus vendidos, Berti acabou escolhendo Ribeirão Preto. Segundo muitos de seus amigos, uma escolha até certo ponto desastrosa, já que o mercado de artes da cidade era então muito fechado Berti, por isso, chegou a passar necessidades.

Orávia Alves Ferreira, amiga de Berti há anos, desabafa:

— “Berti era maravilhoso, mas era uma criança. Uma pessoa que exigiria muitos cuidados para ter desabrochado mais ainda. Ele era mesmo dependente de tudo, esperava que se fizesse tudo para ele. No campo prático ele era uma nulidade — não tinha praticidade nenhuma. Como todo artista. Mas era um amigo maravilhoso. Um exemplo de trabalho: se dedicou inteiramente

à arte, só à arte. Tenho a impressão que ele achava que casamento e arte não combinavam, de maneira nenhuma. Ele era solitário demais, mas por escolha própria. Apesar disso, dele ser um homem muito fechado, todo mundo que privava da intimidade do Berti o adorava”.

“ERA RUIM PRA ELE MESMO”

José Antunes, quintanista de Medicina e vizinho do ateliê de Berti, era um dos poucos amigos que ele ainda frequentava, antes de adoecer. Segundo Gismondi e Vacarini, Zezzo e a esposa (a professora Eci) foram muito mais que simples amigos para Lionello Berti: foram verdadeiros irmãos. Zezzo fala sobre o amigo:

— “Berti ia muito lá em casa, porque éramos vizinhos. Quando ele ficou doente, me senti na obrigação de providenciar hospital e tudo para ele — para mim era fácil mim era fácil, porque já estava na Medicina mesmo. Ultimamente ele não comia mais nada, por causa da doença. Era uma pessoa muito humana, ingênua de tudo, muito honesta. Era uma pessoa muito ruim pra ele mesmo. Como artista era muito organizado, as coisas no ateliê estavam sempre em ordem. Na enfermagem, quando ele estava internado, todo mundo gostava dele. Fazia piadas, transmitia muita alegria. Embora eu sempre tenha achado que ele era um homem muito triste. A gente percebia”.

NO ÚLTIMO MOMENTO, “RECONHECIDO”

Antonio Pallocci, diretor do Departamento de Cultura, conheceu mais o artista que o homem:

— “Acho que no último momento, Berti teve a ventura de ser premiado e reconhecido em Ribeirão Preto, no Salão de Arte, e ao mesmo na Itália, onde ele recebeu um Cartão de prata que se confere aos artistas que se destacam no Exterior. Berti foi considerado pelos italianos, como um dos que contribuíram para a divulgação cultural e artística do país. Coisa que não tinha acontecido antes. Conheci Berti melhor no Sarp, e achei que ele era muito arreio. Vivia mergulhado no trabalho. Vivía mais em solidão do que um monge que se propõe a viver em solidão. Se você entrar num convento dificilmente achará um monge mais solitário do que Berti era”.

SEMPRE ALEGRE, UMA FESTA

Fúlvio Gonçalves, pintora, quer manter viva a imagem “alegre” de Berti:

— “Quando o corpo chegou, à noite, eu não quis vê-lo. Porque apesar do final triste (quando ele recebeu o prêmio do Sarp já estava doente, os olhos amarelados), eu me lembro do Berti de camiseta vermelha, chamando a gente em voz alta, brincando. Os alunos o adoravam, ele era uma festa: de vez em quando ficava bravo, depois pedia desculpas na aula. Era um amor. Todo mundo vai se lembrar do Berti com alegria, pelo gênio e pela obra. Um artista não morre assim”.

SÍMBOLO VIVO DA ARTE

Odila Mestriner, também artista plástica, que Berti era um dos pintores mais férteis de Ribeirão Preto:

— “Foi um pena ele ter morrido quando ainda havia tanta coisa que podia ser feita. Dividi com ele o prêmio do Salão de Arte e acho que teria muito mais a dividir. Quando Berti, que era fi-

gurativo e expressionista, havia chegado a um estágio avançado em suas pesquisas, com a fusão de pintura, escultura, desenho e a técnica da “talha” em madeira, teve que parar. Foi Deus quem quis”.

Edgar de Castro, produtor de cinema, admira muito o talento de Berti:

— “Os quadros do Berti a princípio eram colocados com dificuldade — logo que ele veio para Ribeirão, comprei um quadro dele. Depois seu talento se afirmou e creio que suas obras tenham chegado a ser disputadas pelos entendidos. Conquistou tudo — e o Berti hoje é um símbolo vivo da arte em Ribeirão Preto”.

Entre tantas definições e menções, as mais tocantes talvez sejam as referências de Bassano Vacarini do dr. Dante Jemma, velho amigo de Berti.

Para definir bem o amigo, Vaccarini conta que antes de morrer, ele assobiava velhas canções italianas e até a “Aleluia”. O dr. Dante, também italiano, prefere lembrar seu prato preferido:

— “Imagine, que depois da morte da mãe, Berti, não ia a casa de mais ninguém, nem à minha. Foi um grande golpe. Mesmo assim, quando ia, Berti recomendava que nós fizéssemos seu prato favorito: “Faggioli all'uccelletto”, os feijões brancos que ele adorava. Agora imagine, que “uccelletto” é um passarinho da Itália!”

EM BREVE, UM ‘MUSEU LIONELLO BERTI’ IDÉIA DELE MESMO.

Lionello Berti, pais já falecidos, não deixa parentes no Brasil. Sua única irmã, Cosetta Berti Manzoni, mora em Firenze, Itália. Na semana passada, Cosetta esteve em Ribeirão Preto, especialmente para ver o irmão — “e por uma dessas determinações estranhas”, Berti recobrou a consciência a tempo de vê-la, reconheceu-a, conversar com ela. Depois voltaria ao estado de coma.

— “Berti ficou muito feliz com a vinda da irmã. E parece que ele voltou à consciência só mesmo para revê-la, depois de tantos anos. Foi um encontro e tanto”, conta Bassano Vacarini.

Como única herdeira das obras de Berti, Cosetta, que já voltou a Firenze, tem direito a levar tudo para a Itália. Mas a pedidos, vai deixar os cento e cinquenta (aproximadamente) quadros de Berti para o acervo do Museu Lionello Berti, a ser criado talvez pela Prefeitura.

Um dos últimos pedidos de Berti, feito ao pintor Gismondi foi justamente esse, formulado com a mesma maneira brincalhona com que ele parecia encarar tudo. Depois de ter dito que do jeito que as coisas estavam, talvez fosse melhor pegar “seus quadros e por fogo em tudo”, readquiriu seu bom humor e sugeriu a idéia do museu. Pegou.

